

CASTELLO DE GUIMARÃES

SEMANARIO INDEPENDENTE

DIRECTOR — José J. Gomes da Silva Couto

REDACTOR — Padre João L. Caldas

Administrador — J. J. Vieira de C. Júnior
Secretario da Administração — S. GuimarãesREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE SANTA MARIA, 68 — GUIMARÃES

Editor — Luiz Faria

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção

Preço da assignatura: — Anno, 1200 réis; semestre, 600 réis; numero avulso, 30 réis.

As obras litterarias annunciam-se gratis, mediante a offerta d'um exemplar

Anuncios e comunicados — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis. Reclames, contrato especial.

Composto e impresso na Typographia a Vapor dos «Echos do Minho» — Rua dos Martyres da Republica n.º 91 (Antiga Rua da Rainha) — BRAGA



Nobresa e serenidade

A serenidade com que a nação portugueza entrou na beligerancia dignifica-a, e mostra-nos tê-la encarado como um efeito logico da nossa aliança com a Inglaterra. Não a desejou, mas não lhe surgiu de surpresa. A honra e a lealdade diziam-lhe sem lhe perturbarem o animo, que se de qualquer pedido feito pela nossa aliada resultassem a quebra de relações com a Alemanha e a immediata declaração de guerra o facto seria natural. Assim succedeu, e sem espalhafatos, nem exageros, sem o menor indicio de temor, e apenas subindo-lhe de indignação o sangue ás faces ao conhecer os termos da nota alemã a acudindo-lhe á memoria a epopeia do seu passado, enfileirou ao lado das nações da «Entente», para lhes dar todo o esforço que lhe cumprá dispensar. A vida não quebrou a sua normalidade, os rostos não se ensombriaram, as mulheres não estremeceram de susto e aos homens não os abalou a inquietação. Todos ficaram nos seus logares á espera do encargo a receber tranquilamente, dignamente. Mas dentro de cada peito sentiu-se um coração portuguez, em todos os labios, n'um murmurio suavissimo, a palavra Patria resumiu um canticó de amor e uma oração fervorosa e pelos olhos da imaginação passaram todos os quadros brilhantes e valorosos da nossa historia. Deste modo a confiança entrou em todos os espiritos, o dever fortaleceu todos os corpos, a mais viva fé iluminou todas as almas e Portugal encarou serenamente a beligerancia.

Deriva esta serenidade de estar a Alemanha muito distante e de não termos a recear um brusco e repentino encontro? Não. Porque nos podem chamar até onde ella esteja, porque as suas represalias não serão de admirar e porque se a esperança da victoria final dos aliados nos anima a todos, ninguem pode afirmar que não triunfe o lado adverso, tendo nós de partilhar do desastre geral nas suas consequencias. Deriva a precisa comprehensão da

parte que nos pertenceu logo que entre inglezes e alemães se dispararam os primeiros tiros, deriva de uma disciplina moral, que o momento grave despertou em todos, deriva da fortaleza de animo que sempre revelamos em todos os transes por mais afflictivos, deriva da confiança de cada um em si proprio e em todos os mais, e principalmente da satisfação muito intima do cumprimento de um pacto de honra. Porque não ha gente mais honrada do que nós, e que mais se orgulhe de o ser.

Debateu-se muito, dividindo-se as opiniões, se deviamos, ou não, entrar na beligerancia até que os nossos compromissos, a nossa dignidade e a nossa fé nol-o exigiram. D'esse momento em diante não se levantou mais uma voz a discutir, não houve uma discrepancia, não nos flectiu a menor duvida, não se manifestou a menor hesitação. A disciplina moral, a disciplina da honra ouviu o toque de unir, e todos se apuraram, cerrando fileiras promptos a obedecer a esse comando supremo, que cobre de respeito os homens e as nações. Pode-se ainda perceber qualquer discordancia sobre factos da vida interna; quanto á nossa acção externa nem um vago murmurio, nem um abafado monossylabo, nem uma isolada defecção. Na serenidade do dever cumprido, da honra, satisfeita, do compromisso executado, Portugal assume a grandeza d'outrora perante o mundo e reconquista de todo o respeito que alguns erros acumulados tinham talvez enfraquecido.

Desta serenidade que nos rodeia e fortifica, das causas nobres que produziram este efeito belo e dignificador é que se gerou no meu espirito a mais intensa e radiante esperança da nossa valorisação em todo os actos que tenhamos de praticar, sejam eles os mais brandos dentro da aspereza do lance, sejam os da mais dura provação do mais cavado sacrificio.

Horas d'ocio

Qual é o nome da terra portugueza formado por RODA VALOM?

No proximo numero publicaremos os nomes dos dicifradores, que assim o participam á nossa Redacção em carta ou bilhete postal.

Prática da applicação dos adubos chimicos

Cresce, dia a dia, o numero de agricultores que comprehendem as vantagens dos adubos chimicos ou mineraes e a necessidade de seu aproveitamento para completar a acção dos estrumes de curral, na grande maioria dos casos insuficientes para dar á terra a conveniente fertilidade, requerida pelas produções intensivas.

Succede, porém, que, tratando-se, para estes lavradores, de uma prática nova, apparecem duvidas acerca da forma de applicação d'esses adubos e por isso procuraremos dar, ainda que resumidamente, n'este pequeno artigo, alguns esclarecimentos que reputamos serem de utilidade em tal sentido.

Na cultura de cereaes, taes como o trigo, cevada, centeio e milho a applicação dos adubos chimicos póde effectuar-se por duas fórmulas, conforme a sementeira seja feita em campo razo ou no terreno *marginado*.

No primeiro caso, espalha-se o adubo chimico a granel em cima da terra lavrada; em seguida, cobre-se esse adubo por meio de uma leve gradagem semeia-se depois e cobre-se a semente com uma segunda gradagem, dada perpendicularmente (cruzada) á primeira.

No segundo caso, espalha-se o adubo chimico sobre a terra antes da lavoura de sementeira. Lavra-se em seguida, semeia-se e depois d'isso é que se *margina* o campo.

Como se vê, é da maior simplicidade a applicação dos adubos chimicos na cultura dos cereaes.

Deve, porém, haver o cuidado em espalhar esses adubos com a maior regularidade e para isso é conveniente que os menos práticos comecem por aplicar n'um metro quadrado de terra a dóse de adubo que lhe corresponde e que em regra vai de 100 a 150 grammas.

Assim se orientarão em, com a precisa igualdade, deitarem em todo o campo

em cultura a quantidade de adubo que ele deve levar.

Na adubação de vinhas arvores deve applicar-se o adubo chimico em caldeiras previamente abertas em volta de cada planta e que tenham a profundidade média de 15 centimetros e o diametro de 50 a 60 centimetros.

Amontoa-se alguma terra em volta de cada tronco, para que o adubo chimico não fique em contacto directo com elles e depois de espalhado esse adubo em toda a caldeira, cobre-se com uma pequena camada de terra. Cada cova deve receber em média 250 a 300 grammas de adubo chimico.

Sempre que seja possível, convém ao agricultor tornar a adubação chimica complementar dos estrumes de curral.

Quando assim succeda no culto de cereaes, deve-se espalhar o estrume antes da lavoura, cobri-lo com esta e em seguida applicar o adubo chimico, continuando as operações culturaes pela ordem que acima referimos.

Muitos outros esclarecimentos poderíamos dar sobre este importante assumpto, mas não o permite a estreiteza de espaço de que dispomos n'esta publicação.

Palma de Vilhena

SEM BASE

E' pouco frequente encontrar-se um grupo de rapazes em que se não encontre um ou varios atacados da psicologomania.

E tambem é pouco vulgar encontrar-se um rapaz que seja capaz de dizer qualquer coisa sobre letras, sciencias, geografia, artes, etc. Falam do coração humano, de paixões, de sentimento e de frivolidades semelhantes, não entendendo, muitas vezes, o que dizem.

Sabendo-se que não ha efeito sem causa, póde, ás vezes, um meditador perguntar a si mesmo: mas, enfim, a que é isto devido?

Creio não ser difficil satisfazer a curiosidade do investigador. Digam-me o que é que leem os rapazes d'oje e eu logo direi em que eles pensam e quais as suas tendências.

Hoje, mais que nunca, lê-se o romance, romance barato, o

romance de feira; e o romance moralizador, o romance scientifico, o romance que instrue, ganha môdo no fundo da estante do bibliófilo ou do coleccionador. Já que a mania, o vicio do romance impera e domina, escusado será falar dos outros generos literarios. Estes, encerrados nas suas capas, dormem socegados em poucas bibliotecas, depois de terem sido inscritos no rol dos livros fastidiosos ou dos calhamaços que se possuem por curiosidade e, raras vezes, se perdem no desalinho do gabinete onde o estudioso trabalha depois de lhes ter feito demoradas visitas, porque o *homo studiosus* é avisado raro no nosso tempo.

Que instrução, que educação, que caracter se poderá basear em tal peste que, tantas vezes, não só não tem nada que se aproveite mas nem gramatica tem? Ah! Filinto, se tu fosses vivo e visses as traducções que por ai vagueiam!...

Como, tantas vezes, aquele que escreve para saciar a voracidade do publico, que só quer volumes e mais volumes, não possui talento para educar nem moralidade para moralisar, enche as paginas que o editor lhe pede, com fastidiosas dissertações sobre o amor, o coração, a mulher, etc, não comprehendendo ele o que escreve nem os leitores o que leem.

Aquele, aufero os cobres, este, para não dar *parte de fraco*, nem *fazer má figura*, finge que entendeu e achou aquilo tudo bello, sublime, encantador; decora algumas frases mais *bombásticas* para injectar nos timpanos dos outros e basear e provar a justiça da sua critica e a sublimidade da obra.

Um bello dia esses *meninos* começaram a *despejar* forte dose da sua erudição, um filosofo, que calado ouvia, notou-lhes que eles só falavam de sentimentos e estados d'alma, e, por troça, chamou-lhes *psicologos*.

Ouviram. A palavra enchi-lhes a bôca. Foram a um dicionario e viram que *psicologo* é o individuo que estuda a alma, que a palavra tem, alem disso, a vantagem de vir do grêgo: *psyché* e *logos*.

Gostaram e ficaram com o termo. E' possível, até, que alguns ouvissem dizer que o sr. dr. Alves dos Santos, espirito culto e filosofo conhecido, quando em Coimbra prelecciona, diz do alto da cathedra, para dar força a sua afirmação: Nós, os *psicologos*...

E aí está como appareceu a *psicologomania*.

Quanto a efeitos, ... nem é bom falar. Conhecimentos filosoficos, scientificos, literarios... nada!

E, se nós pensamos no futuro e perguntamos com que bases hão de entrar na sociedade os rapazes d'hoje que serão os homens d'amanhã?

Os leitores do «Castello de Guimarães», talvez não. Mas veremos quem vence.

Jota Bé Erre Cé.

Portugal e Allemanha

O senhor D. Manuel II e a situação

Conta a «Opinião»:

«Procuramos o sr. Conde de Sabugosa, o qual nos recebeu no seu gabinete de trabalho, com a gentileza própria da sua educação e da sua nobreza.

—Desculpe v. ex.ª... Desejavamos ouvir as suas impressões sobre o telegramma do Sr. D. Manuel...

O sr. Conde de Sabugosa não nos deixou terminar e atalhou: —Que lhe hei de eu dizer? Que El-Rei m'o enviou para que eu o fizesse publicar, missão de que me desampenhei, e... mais nada.

—Mas... —Só quem não conhece o patriotismo do Sr. D. Manuel e o amor pelo seu povo, é que não esperava aquelle telegramma, pedindo a união de todos os seus subditos para a defesa do seu paiz. —Que suppõe v. ex.ª que os monarchicos farão?

—Sou intransigentemente monarchico, por ser amigo da dynastia, e até por esthetica... sou intransigentemente monarchico. Mas isso não quer dizer que tenha o minimo poder de fallar dos monarchicos, nem estar mesmo á altura de o fazer. Não recebi mandato algum do Rei para, de qualquer forma, interpretar o sentimento d'aquelles, nem elles me deram indicações para isso. Se El-Rei me enviou a mim e não a outra pessoa o seu telegramma, foi pela amizade que me dispensa e em que gratifica a que lhe dedico, e não por outro motivo. Sabia-me aqui... Desde que vim de Inglaterra, que não me tenho mettido em politica...

O sr. Conde de Sabugosa declarou-se avesso a conceder entrevistas a jornaes. Não as tem permitido.

—Quando desejo communicar com o publico, ou o faço pelo jornal, mas servindo-me d'uma carta que assigno, ou, então, pelos livros.

—Conhecemos a obra de v. ex.ª... —Mas os srs. não vão publicar o que eu tenho dito...

—Compreende bem v. ex.ª que é uma honra para o nosso jornal... —Pois agradeço immenso, mas preferia, creia...

—Desejavamos, ainda, que v. ex.ª nos desse a sua opinião sobre a nossa primeira pergunta... Uma opinião muito particular: a attitude dos monarchicos...

—Não lhe posso dizer mais do que o que sei. O telegramma deve ter sido lido, e agora cada um procederá patrioticamente... Mas... ainda as coisas vão tão longe...

Ministro sem pasta

«Segundo a «Capital», a União de Agricultura, Commercio e Industria, como agremiação representativa das forças vivas da nação, organizou uma lista de nomes que lhe seria grato ver escolhidos para qualquer ministerio sem pasta.

Essa lista é a seguinte: Freire de Andrade, coronel de engenharia, antigo ministro dos extranjeiros; Henrique Monteiro Mendonça, independente-conservador, antigo presidente da Associação Commercial de Lisboa; José Relvas, antigo ministro das finanças e representante de Portugal em Madrid; dr. Lino Netto, professor do Instituto Superior do Commercio, independente-catholico; Alberto Macieira, vice-presidente da Associação Commercial de Lisboa; Caetano Beirão da Veiga, professor do Instituto Superior Technico, independente; dr. Oliveira Feijão, medico, antigo presidente da Associação de Agricultura; Alfredo Lecocq, independente, antigo director geral de agricultura; Thomaz Cabreira, antigo ministro, independente-conservador; Antonio Maria de Oliveira Bello, independente; Severino Monteiro, engenheiro, director da Companhia das Aguas; e Francisco Antonio Correia, professor do Instituto Superior do Commercio.

Um «zeppelin» sobre a Povoia de Varzim?

Correu com insistencia que um «zeppelin» pairara, minaz e formidavel, sobre a Povoia de Varzim, ou antes, sobre a povoação de Mindello.

Felizmente, o terrivel «zeppelin» apenas existiu na phantasia popular.

Uma patranha apenas.

Bandeira nacional de combate

O sr. governador civil do Porto enviou á Junta Patriótica do Norte um officio em que alvitra a confecção de uma bandeira nacional de combate para ser hasteada no navio chefe da nossa divisão naval.

Na linha de fogo

Verdun invencivel—O general Pétain sempre optimista—Os primeiros dias da batalha de Verdun

Os alliados continuam transbordantes de rosadas esperanças quanto á sorte de Verdun. O general Pétain, forte de saudavel optimismo, acaba de dar o ultimo domão á defesa d'aquella praça, o que lhe permite affirmar, como rigidamente positivo, e mais uma vez, que são impotentes os impetuos dos allemães contra a celebre fortaleza.

Entretanto, o boletim official dos exercitos francezes faz-nos benemeritamente a historia dos 5 primeiros dias da batalha de Verdun.

Dêmos-lhe a palavra:

«São sempre as mesmas tropas que, a partir de 22 de feveiro, fazem frente aos allemães, defendendo cada posição. A despeito das intemperies e de sacrificios em homens e material, ellas vedam o caminho ao inimigo ainda durante toda uma noite. A sua missão é manterem a frente em Donauumont e cumprem-na até ao momento em que são rendidos por novas unidades e a batalha continua. Deste modo, as divisões que receberam um choque dos mais formidaveis que têm havido n'esta campanha, se distinguiram em tenacidade, permitiram ás reservas retardarem o avanço do inimigo, desempenharam um papel de cobertura, papel esmagador e glorioso que contribuiu, sem duvida alguma, para nos conservar Verdun. A sua heroica actividade permitiu incessantes contra-ataques e impoz ao inimigo suspensões que lhe frustram o beneficio essencial que esperava tirar da sua empreza.

A affluencia de reservas vae permittir restabelecer a situação e isto tanto mais facilmente quanto a resistencia das tropas, nos primeiros dias, foi das mais tenazes.

Apesar dos mais potentes meios, a manobra tentada pelos allemães para passarem a 17 kilometros de Verdun, a nossa ala esquerda, incommodar a defesa de Mort-Homme e rotirarem pelo corredor de Montzeville, não correspondeu ao esforço empregado.

O unico resultado dos fardiosos assaltos por varias vezes renovado durante a noite foi um ligeiro avanço no bosque de Avocourt que tiveram de conquistar palmo a palmo e á custa de pesadas perdas.

Este pequeno avanço nada tem de inquietador, visto que, como o demonstra a primeira fase da batalha de Verdun, os allemães que não renovaram o ataque do dia 21 de feveiro, tiveram de marcar passo perante a frente inabalavel contra a qual se quebrarão os assaltos localizados.

O coronel Feijer, o excellento critico militar do «Journal de Genebra», escreve que, se as apparencias não enganam, os allemães perderam a batalha de Verdun.

O «Petit Parisien», com grande satisfação, falla dos relatorios do general Pétain a respeito da defesa de Verdun. Diz esse jornal que d'esses relatorios se nota que a infantaria nunca esteve tão homogenea como agora, que a artilharia nunca terá falta de munições e que artilharia dos fortes que mudou de posição.»

Os allemães não attingirão Paris.—Veda lh'o Verdun.—Ao que Verdun resistiu e ainda resiste.

Val, pois, com vento de prosperidade a causa dos alliados. Se Verdun representa o unico alvo das forças allemães, a unica região pela qual elles esperam abrir brecha até á cintura de Paris, parece que não somos exaggerados alladophilos, affirmando que a grande capital franceza está livre da funesta sorte que teve em 1814 e 1871.

E, sen lo assim, Verdun avulta como gigantesca ao lado das fortalezas mais celebres da Historia. Excede, porque é invencivel e porque, em vez de uma garganta, é uma praça de guerra, o lendario desfiladeiro das Termopylas.

Ah! resistiu á concentração da melhor artilharia allemã, e feita durante dois longos mezes; ao assalto de estrategicos que tão bem furtavam aos olhos dos aviadores

francezes as baterias que construíam; os formidaveis prussianos que, valorizando no bombardeamento os seus poderosos canhões, fizeram colossos plataformas, como nunca tinham sido vistas, para assento d'esses mon-truosos canhões, conforme se vê em Billy-sous-Maignes, ao pé da linha feireira de Spincourt e que, ao mesmo tempo, reservavam para os francezes granadas de 1.000 kilos, que seriam projectadas n'uma surpresa fulminante.

Verdun terá resistido ao maior ataque talvez da historia militar, ao que rompeu da margem esquerda do Mosa, da enorme linha de fogo que occupa os cumes de Cuisy e Forges, vomitando metralha pavorosa—granadas de 40 kilos, que alcançam 8.000 metros, granadas de 340 kilos e mosteiros de 119 com o alcance de 9 kilometros além do que tropejava e feris, de emboscada nas florestas.

Verdun, investida no dia 21 de feveiro, não trovão e vomito unisono de 8.000 peças de artilharia, tem hoje a sua região convertida n'uma verdadeira mina de ferro, o ferro dos projecteis dos allemães—250 mil toneladas. Victoriosa e esse temporal, e de todos os seguintes, bastaria pois a sua gloria para a França com justiça affirmar que a Allemanha não a pôde vencer.

Os outros alliados—A Inglaterra e a Italia—O que se espera dos russos

Mas os outros alliados? A Inglaterra concentra forças? Decerto, e não pode ser insensivel á chuva de milhões de kilos de metralha que soffreu Verdun.

A Italia mede forças com a Austria e parece que com pequenas vantagens, esperando que o tempo melhore...

De quem os alliados esperam mais é da Russia. O exercito do tzar parece disposto a uma ampla offensiva entre o Willa e o Duna.

Não é sem tempo. O desastre que obrigou os russos a sacrificar Wilna, abandonando o Niemen até ás suas nascentes, accendidos rijamente por Hindenburg, urge ser compensado, ao menos, pelo feito de impedirem a marcha de reforços para os allemães. Não é pedir muito a tão numerosos e membrados combatentes alguns d'elles, ensinados amargamente pela agiltude victoriosa das tropas do Japão.

Despachos officiaes e outros

PARIS, 22.—Communicaçõ official das 3 horas da tarde:

A oeste do Meuse, duello de artilharia muito vivo na região de Malancourt, na aldeia de Esnes ou na cota 304 e particularmente violento no cabeço de Hancourt.

A leste do Meuse, bombardeamento intenso na região de Vaux e Damloup.

Durante a noite, não houve qualquer acção da infantaria.

No resto da linha, a noite decorreu calma.

MADRID, 22.—Durante as ultimas 24 horas os allemães realisaram numerosas concentrações de tropas na direcção oeste de Verdun, entre Aismes e Montzeville, iniciando um novo e forte ataque envolvente. Os allemães desalojaram de parte das posições os francezes.

Em Mort-homme, durante o ataque, verificaram-se muita baixas n'uma divisão de tropas escolhidas; baixas que foram renovadas por tropas prussianas. Suppõe-se que os allemães persistem na empreza de tomar Verdun. Os allemães trasladaram para Verdun numerosas garnições da Belgica, supprimindo-se por este motivo muitos serviços auxiliares e de vigilancia.

Carnet mondain

Continua inferno o respeitavel capitalista, sr. Domingos Leite de Castro, extremoso pae do nosso querido amigo e assinante, sr. Antonio Leite de Castro.

Que Deus o restabeleça e lhe conserve a existencia por longos anos.

—Acentuam-se as melhoras do esbelto minimo Gonçalo Magalhães, aluno do Collegio Academico, ferido, ha dias, por um tiro que se lhe disparou quando brincava com uma arma de fogo.

—Passou no ultimo domingo o aniversario natalicio do sr. José Roris, solicito correspondente do nosso colega portuense «Journal de Noticias.»

—Vimos nesta cidade o nosso intimo amigo sr. dr. Antonio Ferreira, virtuoso sacerdote em Louzada e ex-secretario do Bispaço de Beja.

—Egualmente vimos, ha dias, nesta cidade, a sr.ª D. Maria d'Assunção da Cruz Magro, ex-aluna do nosso liceu.

—Está livre de perigo, pelo que muito nos regosijamos, o digno solicitador, sr. Ferreira, que, á cêrca d'um mez, foi colhido pelo comboio na Trofa, deixando-lhe uma perna quasi esfacelada.

Horas poeticas

Instabilidades

(A alguem)

As fortunas mais notaveis As reputações brilhantes São no mundo variaveis, Coisas muito inconstantes!

Dos logar's mais elevados Pr'os mais baixos se tem ido; Os favores mais invejados Mais olvidados tem sido.

Fervorosas amizades, Os amor's inquebrantaveis Dem feito infelicidades, Importunos lamentaveis.

Talvez haja neste mundo Sob'rana sabedoria Que com um girar profundo Dos homens faz ozmaria...

Quando uns são alevantados E' porque outros são perdidos. Se uns forem admirados, Outros são aborrecidos!...

O mundo todos os dias Apresenta novas scenas: Quem tiver hoje alegrias, Amanhã deve ter penas.

O que não tem succumbido Neste mundo sem fé, falho, O que mais tem resistido E' a Virtude e o Trabalho

Fafe 1916

Adelaide Augusta da Silva

Serranas

Lindas, sobebras, divinas D'airosos busto—as serranas. Que esbeltas e que ladiuas! E que manieras tão finas! E que falinhas tão finas!

De falvos cabellos d'oiro; Faxes, um nada morenas; Olhos azues um thesoiro!— Purinhos, como o mel loiro... Oh que formosas pequenas!

Por um sorriso dos seus, Disse-me alguem em segredo: «Subia—juro-o, por Deus!— Dos alpes ou Pyreneus Ao mais agudo penedo.»

«São—disse mais—deslumbrantes, No seu brilho e na grandeza, Os seus olhos perturbantes; Mas, solteiros, sem amantes, Virgens na sua pureza.»

Ao ver uma,—radioso Ante os seus olhos celestes E o seu perfil tão airoso. Bradeilhe, presto: Ditoso O paiz em que nasceste!

Montreux-sur-Terriete, 1913.

Alvaro Pinheiro. (do «Longes»)

Noticiario

Paroco de Nossa Senhora da Oliveira

Consta-nos que S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Arcebispo de Braga nomeou paroco da Oliveira o virtuoso sacerdote, Snr. P. João Antonio Ribeiro.

Os nossos paraben.

Circulo Catolico—S. José

O Circulo Catolico d'operarios, desta cidade, festejou, no passado dia 19, o seu patrono S. José, com uma sessão soléne, na séde

do mesmo Circulo. Falaram brilhantemente os snr. P.ª João Luiz Caldas, distinto professor no importante estabelecimento de educação e ensino—Collegio Academico, desta cidade e Redactor deste semanario, dr. Artur Bivar e rev. Maia dos Santos, digno director do mesmo collegio.

O primeiro orador, que neste dia fez a sua estreia nesta cidade, falando admiravelmente por espaço duns trinta e cinco minutos, revelou-se um espirito verdadeiramente lucido, sendo alvo duma prolongada salva de palmas.

Folgariamos immenso em arquivar nas colunas do «Castelo de Guimarães» as suas palavras, tão sensatas elas foram. A falta d'espaco, vamos referir-nos apenas ao final de tão brilhante discursos.

Meus Senhores:—Comecei falando de grevistas que desfilarão pelas ruas desta cidade de trabalho. Pareceu-me, então, muito natural o seu acto. Legitimo desforço contra as sanguessugas do suor do operario. Quando o flagelo terrivel se faz acompanhar da fome, por entre o ruído das batalhas, quando todos vemos bater-nos á porta a miseria, acompanhada dum futuro de tristezas, ha alguem se sente feliz, esfrega as mãos de contente, porque os seus negocios correm bem e a riqueza lhe sorri por entre a ruína dos mais.

Raça de vampiros, que mal parecem homens, açambarcadores sem coração, podem amanhã vangloriar-se de seus filhos legarem a fortuna duplicada. Mas as lagrimas, que fizeram derramar, nunca hão de secar emquanto reparação não for feita. A guerra fez subir o preço a todos os generos. Não podemos vender mais barato, porque para perder, não estamos a aturar maçadas. Pois bem: Tudo subiu. Só uma coisa parece ser eternamente a mesma: E' o salario do operario. No viver do desgraçado nada influiu a guerra. Podem os generos de primeira necessidade custar-lhes mais caro, que o seu ordenado nem por isso aumentará!

Horas de trabalho é que, talvez os patrões achem pouco. Sugar, sugar mais sangue, é a divisa do patrão. Regale-se ele, muito embora na mansarda do pobre, rafiuitica, vejam entrar á noite em casa os autores de seus dias, capados exaustos, com um salario que nem para o pão chega.

Emquanto aqui se chora, na casa do senhor com certeza se dança, se gosa, se tripudia da miseria. E não será, então, legitima a grêve, contra os novos fazedores d'escravos, contra os que enriquecem á custa da miseria? Não é justo pedir-lhe mais salario, se eles tambem mais ganham?

Depois, não digam que as coisas lhes correm mal; não. Comerciantes conheço eu, a cujas portas a falencia já se sentara, e agora já a veem ao longe, asediando, talvez, os que ao seu estabelecimento se dirigem. Patrões de fabricas, vejo-os eu cheios de riqueza, emquanto que os operarios que lá trabalham ainda se não viu nenhum remedado.

E, se, fazendo a grêve, alguma coisa conseguem, que ridicularia! Não querendo, fecho a fabrica e vou para casa, que, para mim, já tenho. E o operario, que não morre de fome já, lá vae trabalhando para ver se a demoira!...

Que compreensão, meus senhores, dos deveres da humanidade! Que amor pelos infelizes, a quem a sorte não bafeja. Que filantropia, que caridade a desses senhores, que talvez se julguem muito em paz com a sua consciencia, pobre casa para quem nunca brilhou o sol ao amor do proximo!

Que religião a dessa gente que assim compreende as obras de misericórdia? Que amor á doutrina de Jesus, amigo dos pobres que para elle pede emprestado até ao ceu! O modo de proceder de tal gente, é, meus senhores, mal entendida falta de religião.

Haja mais fé, meditemos bem o 1.º mandamento do Decalogo e não veremos *grêves* nem fome. Se a houver, será para todos. E, se outro mundo existe, lembremo-nos de que nada se perde. A organização operaria, quando for um facto, baseado na religião christã, será o baluarte ao quebrar-se a ganancia do usuario. Para ela podem os operarios contar com o apoio do clero no meu paiz. Somos ministros de Cristo, pobres como os pobres, seus companheiros portanto. Auxiliando-os, não fazemos mais que continuar as tradições da Igreja. Pobre foi Jesus Cristo, pobres foram as ordens mendicantes, pobre foi Pio IX, pobre, muito pobre é o clero de Portugal. E os pobres juntam-se aos que não tem para alguma coisa conseguir.

A lé pôde muito, a vontade tambem, mas se não houver alguém que para a luta da caridade abra caminho, os operarios nunca seram o que convem que sejam. Auxiliem-nos, minhas senhoras com pouco se contentam. Lembrem-se de que neles repousa a vida de amanhã. As roupas com que vos vesti, são eles que as produzem; a lingua que falais, foi por mais que uma vez conservada por ela; a religião que seguís, tem em seus corações as raizes mais fundas; os santos que veneraes, entre eles podeis procura-los; os herois que tomais para modelo de vossos filhos, do povo saíram e a patria onde viveis, onde vistes nascer o sol da vida, e creio que ainda e sempre vereis a conceder-se no além, com terra portugueza, a terra onde repozam nossos paes, a terra santificada pelo sangue de tantos herois, a patria, minhas senhoras e meus senhores, é obra do povo, porque foi o povo que esteve em Ourique, em Valverde, em Montijo, no Bussaco, em Coolela, em Magul, em Timor e que agora, com a patria em perigo, contra a Alemanha, está ainda disposto a defender o seu paiz até á morte, bem inestimavel quando a vida se dá pela patria!

Seguiu-se no uso da palavra o sr. P. Maia dos Santos, que brilhantemente dissertou sobre a utilidade do trabalho, exortando o operariado a cumprir essa necessidade de salvação social e o deixar a ociosidade, causa de tantos males e origem de todos os vicios.

Finalmente, falou o grande jornalista afamado orador, sr. dr. Artur Bivar, tomando por tema o *Racionalismo*, combate-o com vigor, mostrando que a unica solução para muitos intrincados problemas da vida, está, nos sistemas que os homens architectam, mas na Igreja, para afinal, diz, os povos caminham ainda.

Inutil seria falar dos aplausos que, por vezes, lhe foram *prodigalisados*, porquanto é bem conhecido o talento de Artur Bivar.

Ocasião aproveitavel

Pelo anuncio que vae publicado na respectiva secção deste semanario, veem os nossos leitores os preços extremamente convidativos por que vão ser arrematados em hasta publica, amanhã, pelas 11 horas, no tribunal judicial desta comarca, os predios nele constante, sitos, na freguezia de Santa Leocadia de Briteiros deste concelho.

E' sem duvida, uma ocasião propicia para um bom emprego de capital, que a muitos deve interessar. Ai fica, pois o aviso.

De luto

Está de luto, pelo falecimento dum seu cunhado, acorrido nesta cidade, o sr. José Caetano Pereira, honrado comerciante vimaranense.

O funeral do malgrado jovem realizou-se na ultima 3.ª feira, na capela de S. Domingos, com larga concorrência.

A familia enlutada, enviamos sentidos pesames.

Eleição

Vae proceder-se novamente á dos membros directores da Associação Commercial, em virtude dos eleitos em 5 do corrente não aceitarem os respectivos corpos.

Bibliographia

«Longes» — por Alvaro Pinheiro.

É o titulo dum precioso livrinho de poesias, repassadas de sentimento e graça, cuja leitura muito nos deliciau e honra sobremaneira o seu digno auctor, que é o distincto e mimoso poeta, sr. Alvaro Pinheiro, que, durante uma longa viagem que fez pelo estrangeiro, conseguiu lançar no mercado literario mais um lindo opusculo, digno dos maiores encómios.

Agradecendo a gentileza da sua oferta, recommendamos ao publico o «Longes».

ANUNCIO

Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 26 do corrente, por onze horas, á porta do Tribunal Judicial, desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, por virtude da deliberação do conselho de familia, no inventario orfanologico, a que se procedeu neste juizo, por obito de Custodio José Gomes, casado e morador que foi na freguesia de Santa Leocadia de Briteiros, desta comarca, se ha-de proceder, em hasta publica, á arrematação dos seguintes bens:

1.º

O campo de Del de Baixo, terra inculta e lavradia, com arvores de vinho, que vai á praça pela quantia de 300\$00.

2.º

O campo de Del do Meio, terra lavradia e inculta, com arvores de vinho, que vai á praça pela quantia de 200\$00.

3.º

O campo de Del de Cima, terra lavradia, com arvores de vinho, que vai á praça pela quantia de 200\$00.

4.º

O campo da Costeira, com uma pequena divisão de valado no meio, terra lavradia, com arvores de vinho, que vai á praça pela quantia de 100\$00.

5.º

Os campos de Sesude de Baixo e de Cima, com duas divisões de paredes e valados no meio, terra lavradia, com arvores de vinho, e inculta, com mimosas e pinheiros, que vai á praça pela quantia de 400\$00.

6.º

Os campos do Prado Redondo e Prado da Canela e Leirinhas anexas, tudo reunido, e circuitado de parêde, que vão á praça pela quantia de 500\$00.

7.º

A Bouça Velha, tapada sobre si, terreno inculto com carvalhos, excluindo a parte desde a cancela actual até ao régô das aguas da Torre pertencente a Francisco José Ferreira Guimarães, que vai á praça pela quantia de 100\$00.

8.º

A devêsa, chamada das «Marias», com carvalhos, sita no logar das Agradas, que vai á praça pela quantia de 10\$00.

9.º

Um muinho, telhado, que vai á praça pela quantia de 50\$00.

10.º

O campo chamado dos «Cortêlhos», lavradio, com arvores de vinho e oliveiras, que vai á praça pela quantia de 100\$00.

11.º

O campo denominado «Uveiral do Loiral», terra lavradia, com arvores de vinho, e inculta, com carvalhos, que vai á praça pela quantia de 500\$00.

12.º

Um terreno inculto, com pinheiros e carvalhos, a que actualmente chamam «Bouça Nova», que confronta, do nascente com o ribeiro de Felras, do poente com terras de Francisco José Ferreira Guimarães, metendo-se de permoio o caminho publico, do norte com terras do mesmo Francisco José Ferreira Guimarães, e do sul com terras do Casal da Bouça, que vai á praça pela quantia de 300\$00.

13.º

Metade da coutada de máto, no monte Sameiro, que é de alto a baixo, e que confronta, do nascente com terras de Manuel Alves, do norte com a outra metade da mesma coutada, do poente com terras de Francisco José Ferreira Guimarães, e do sul com terras deste mesmo Guimarães, e do Casal de São Pedro, que vai á praça pela quantia de 400\$00.

14.º

Um pedaço de terra lavradia, desmembrado do Campo da Vinha e eira,

que confronta, do nascente e sul em linha recta com o mesmo Campo, e de norte e poente, em curva, com terra de Francisco José Ferreira Guimarães, vai á praça pela quantia de 100\$00.

15.º

O fôro activo de dezanove litros, quatro centos e desoito mililitros de milho, que anualmente é obrigado a pagar ao casal inventariado, Quitéria Ferreira, casada com Custodio de Macêdo, da freguezia de São Salvador de Briteiros, desta comarca, e que vai á praça pela quantia de 1.º\$30.

A estes predios pertence metade da agua do Loiral, ficando o arrematante ou arrematantes obrigados a dar meia régua dessa agua para regar as Infestas, a qual será a metade do domingo, quando fôr mais preciso, e uma só vez cada ano.

Estes predios estão situados na freguezia de Santa Leocadia de Briteiros, desta comarca, e os numeros um a nove inclusivé, e catorze fazem parte do Casal do «Ouvinho de Baixo», que está descrito na conservatoria desta comarca, sôb o numero 9067, a folhas 60, verso, do livro B. 30.

O numero 10 está descrito na mesma conservatoria, sôb o numero 13:808, a folhas 130, verso, do livro B. 42. E os numeros 11 e 12 estão descritos sôb o numero 9068, a folhas 61 verso do livro B. 30. E o numero 13 é metade do predio descrito sôb o numero 9069, a folhas 62, do livro B. 30.

Os predios serão postos em praça, cada um de per si, e depois no conjunto, afim de serem entregues a quem mais vantagens oferecer.

A contribuição de registo a cargo dos arrematantes.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos e desconhecidos, para assistirem á praça.

Guimarães, quatro de Março de mil nove centos e desasseis.

Verifiquei a exatidão,

O Juiz de Direito,

Santos.

O Escrivão do 3.º officio,

Candido Luiz Lopes.

NUN'ALVARES

e o sr. DANTAS

por

AUGUSTO FORJAZ

Um volume illustrado, 200

réis, em todas as livrarias.

Pedidos á Livraria Fern.

70, Rua Nova do Almada, 74

— LISBOA.

Agencia portuguesa

Séde em Lisboa

A Agencia portuguesa encarrega-se de:

I — Administração de bens, compra, venda e arrendamento de propriedades, liquidação de heranças, cobrança de rendimentos e dividas, incluindo a cobrança de rendas de bens immoveis, de juros e dividendos de Bancos e Companhias e de titulos de divida publica, quer nacionaes quer estrangeiros, e assim bem de quotas de associações e de quaesquer outros recibos.

II — Empréstimos por qualquer titulo e designadamente com garantia de hypotheca e consignação de rendimento. Compra, venda e averbamento de papeis de credito.

III — Secção auxiliar do contribuinte: Participações, informações, reclamações e recursos, cobrança domiciliaria a todas as contribuições: predial, industrial, de renda de casas e sumptuaria, decima de juros, contribuição de registo, imposto de sello, direitos de mercê, imposto de rendimento, de minas e real d'agua.

IV — Secção especial de negocios ecclesiasticos: Ordenações, dispensas de parentesco e de proclamas para casamentos, justificações de estado livre; licenças ecclesiasticas; aquisição de quaesquer documentos dos Auditorios tanto nacionaes como estrangeiros; licenças da Nunciatura; encartes de beneficios e aposentações; liquidação e redução de legados pios e quaesquer outros actos dependentes da Santa Sé, Nunciatura, Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e Camaras Ecclesiasticas.

V — Procuradoria perante todos os tribunales do reino, incluindo os das provincias ultramarinas, e perante os tribunales estrangeiros, especialmente no Brazil.

— Resolução de quaesquer negocios, nas repartições publicas e secretarias do Estado, taes como: encarte e liquidação de direitos de mercê e outros.

E' representante desta agencia nesta villa, o sr. Theotónio Falcão Ribeiro Basto.

Um reinado tragico

Complemento da

«HISTORIA DE PORTUGAL»

Edição luxuosa e esplendidamente illustrada com a reprodução de quadros historicos e retratos authenticos de personagens portuguezes.

Cada fasciculo de 2 folhas de 8 paginas cada uma, duas columnas, in 4.º, grande formato, 60 réis, contendo cada fasciculo, pelo menos 4 magnificas gravuras.

Cada tomo de 10 folhas, com mais de 20 gravuras, 300 rs.

Preço de cada volume:—encadernado com folhas douradas, 8\$000, com folhas brancas 4\$000 em bruchura, 2\$500 rs.

XX.º P E R M O D I N

CONSELHOS DE UMA MÃE A SEUS FILHOS

(Tradução com auctorisação da auctora, feita por um preso politico)

OBRA DE MUITO MERECEAMENTO

PREÇO..... 150 RÉIS

A' venda na administração dos "Echos do Minho," * BRAGA

Theologia Moral Universal

por

PEDRO SOAVINI

Segunda edição portugueza, traduzida e acuradamente revista e annotada sobre a 16.ª e ultima edição latina, por Mgr. José Marques Brito e Cunha, bacharel em theologia, protonotario apostolico de S. Santidade, professor do Seminario de Vizeu, conego capitular da Sé de Vizeu.

A Theologia Moral de Scavini é o tratado de Moral mais completo que se tem publicado no mundo.

Só esta Theologia recebeu louvores de Pio IX.

Esta edição está absolutamente actualisada e profusamente enriquecid^a com novissimos decretos.

A obra é impressa em bom papel e consta de 6 grossos volumes, nas dimensões de 22 por 15 c.^m com mais de cinco mil paginas de texto.

Preço da obra, isto é, dos 6 volumes: em brochura, 7\$200 reis e bellamente encadernada custa 9\$000 reis.

Pelo correio, para Portugal e Ilhas, accresce mais 250 reis.

Pelo correio, para o Brazil 1\$200 reis.

Companhia Portugueza Editora

SECÇÃO RELIGIOSA,

Rua da Fabrica, 13--Porto

HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL

por Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do lyceu Central de Coimbra, Sócio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa e da Sociedade Portugueza de Estudos Histórico

Volumes publicados

Tomo I —Desde as origens do christianismo na península até á morte de D. Dinís (1325). Um volume de 800 pág., 2\$500 reis.

Tomo II —Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pág., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III —Desde a aclamação de D. Manuel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fascículos.

Tomo IV —Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da república (1750-1910). Um volume.

Tomo V —Os acontecimentos no tempo da república. Um volume illustrado com grande número de photogravuras, e com muitos documentos.

Cada fascículo de 80 páginas; 250 reis. A cobrança é feita pelo correio por grupos de dois fascículos depois de distribuidos.

Toda a correspondência deve ser dirigida á

Imprensa Academica

157, Rua da Sophia - COIMBBA

Cinco Visitas a Jesus Sacramentado

(Com approvação ecclesiastica)

PREÇO 5 RÉIS

Cathecismo para os parochos

Por Mgr. Manuel Marinho

Preço. 2 volumes 1\$200 rs.

Livros Religiosos

O MEZ DE JUNHO.

por José Agostinho. Approvado e recommendado por D. Antonio, Bispo do Porto

Brochado ... 100 rs. Encadernado ... 160 rs.

A FÉ RELIGIOSA E O POVO.

por José Agostinho. E' um livrinho de propaganda catholica, com 72 paginas

Preço 40 reis

Pedidos á

Companhia Portugueza Editora

Rua da Fabrica 13---Porto.